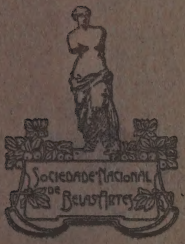
nxa
1-B
0485

O PINTOR ANTONIO RAMALHO



Edição da Sociedade Nacional de Belas Artes

1916

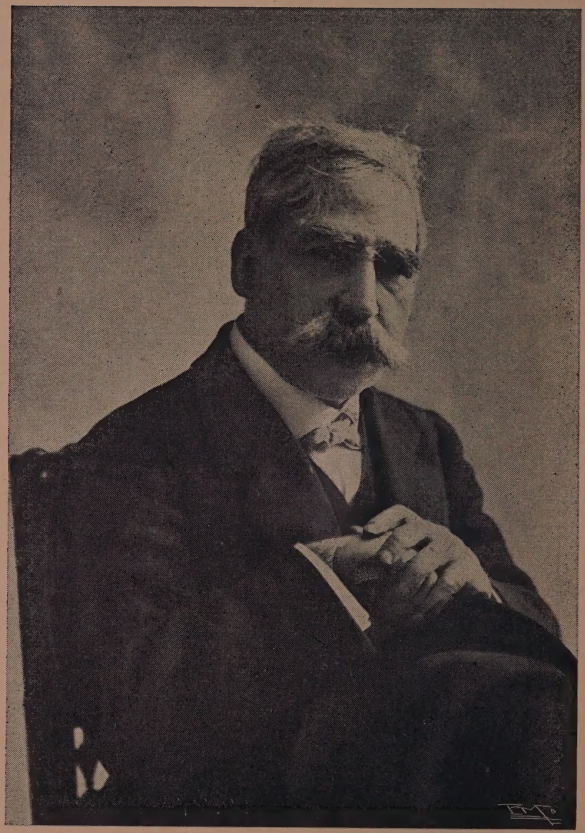
O PINTOR

ANTONIO RAMALHO

REPRODUÇÃO DE ALGUNS DOS SEUS TRABALHOS, PRECEDIDA DE PALAVRAS PELO

DR. JULIO DANTAS

TIP. ANUARIO COMERCIAL
P. DOS RESTAURADORES, 24
LISBOA 1916



ANTONIO RAMALHO

Antonio Ramalho

Quando se fizer a história da pintura portugueza no último quartel do século XIX, um nome resplandecerá ao lado dos nomes gloriosos de Silva Porto, de Columbano, de Malhôa, de Sousa Pinto, de Salgado: — Antonio Ramalho. Em Portugal, ninguem sentiu ainda a paisagem, como Silva Porto; o retrato, como Columbano; o quadro de género, como Malhôa; a pintura decorativa, como Ramalho. Cada um destes nomes, é um clarão. Tem sido largamente estudada e admirada a obra do paizagista eminente das *Macieiras em flôr;* a obra do extraordinário pintor do retrato d'Eça, onde fulge uma scentelha de génio de Velasquez; a obra do naturalista incomparavel dos

Oleiros, em cuja pintura lateja, como uma labareda, a alma do povo portuguez. Era tempo de nos lembrarmos de Ramalho. Bem o merece o ilustre mestre que em Paris, aos 23 anos, pintava essa maravilha que é o *Lanterneiro*; que ainda antes dos 30, no retrato do escultor Alberto Nunes, se revelava na plena posse das suas excepcionais faculdades; e que, dahi por diante, de tela em tela, brincando com a côr e com a luz, na aguarela, na paisagem, no retrato, na pintura de género, e, acima de tudo, na pintura decorativa, realisou uma vasta obra cheia de sobriedade, de equilíbrio, de perfeição e de beleza.

Antonio Ramalho é um trasmontano idealista, sereno, bondoso, criado na luz macia e branca das montanhas, e dotado dessa especial obstinação das criaturas pacíficas, que lhes permite construir sem febre, trabalhar sem ostentação, produzir sem ruído. Olhando em conjunto a sua obra, surpreende-nos a enorme produção desse ho-

mem lento, calmo, inexpressivo, abstracto, aparentemente indolente, cuja grande força tem sido, na vida, a formidavel serenidade da sua filosofia. A obra de Antonio Ramalho é, como ele próprio, tranquila, exacta, sóbria, paciente, sem uma irregularidade, sem uma precipitação, sem um movimento brusco, — e, como ele tambem, estructuralmente forte e fundamentalmente honesta. O grande paisagista dos *Milhos de S. Miguel,* o mestre-pintor do *Claustro de Celas,* o decorador magnifico do Teatro de Evora e da *Bolsa* do Porto, não conhece a veemência, o arrebatamento, a audácia: a sua arte é feita dessa dôce, dessa sagrada, dessa luminosa beleza da serenidade e da harmonia, que tornou eterna a arte grega e imortal Puvis de Chavannes. As qualidades superiores de Ramalho estão na lógica do seu temperamento e do seu carácter. Não é facil excedê-lo na correção do desenho, no sentimento das proporções, na delicadeza da composição, na transparência das

tintas, na probidade dos processos. Em toda a obra do grande pintor se afirmam estas qualidades eminentes. Afirmam-se na sua obra de paisagista, — que vai desde a *étape* de Paris *(Margens do Sena, Jardim do Luxemburgo)*, até á écloga christã da paisagem portuguêsa, ao *Pomar do Antelmo*, ás *Lavadeiras da Romeira*, aos ricos montados alemtejanos, floridos de tojo e ardidos de sol *(Arredores de Évora, Pombal no Alemtejo)*, á luz da montanha beirôa, ao doirado êxtase dos campos algarvios *(Algarve, Figueiras de Inverno)*; afirmam-se ainda na sua obra de pintor de retratos, — que principia no *Salon*, com os retratos notabilíssimos de M.me Denis, de M.me Couturier, de M.me Olivier Métras (1884 a 1886), e prosegue, no regresso a Lisbôa, com as soberbas cabeças de Abel Botelho, de Gualdino Gomes, do marquez do Faial, de M.me Dulac, da actriz Virgínia, do *Tio Jerónimo*, da *Mulher das rosas*; afirmam-se, acima de tudo, na sua clara, na sua risonha, na sua luminosa

obra de pintor decorador, — dispersa com a mesma riqueza, com a mesma frescura, com a mesma fluidez, com a mesma transparência, do *Jansen* ao Bussaco, da Faculdade de Medicina ao Teatro de Evora, da *Bolsa* do Porto ao palácio Sotto-Maior, do Sanatório de Parede á casa do sr. Levy.

É ao criador de todas estas páginas imortais da pintura contemporânia, que a Sociedade Nacional de Belas Artes acaba de prestar homenagem, nomeando-o professor e director dos seus cursos de pintura de modelo. Bem haja. Noutro paiz, com tão vasta e admirável obra, Ramalho teria uma fortuna. Em Portugal, perto dos sessenta anos, o grande artista tem apenas a glória do seu nome, o nobre orgulho da sua pobreza, e a tranquila paz da sua filosofia. É demais, para se ser célebre; mas é muito pouco, para se ser feliz.

JULIO DANTAS.

ILUSTRAÇÕES

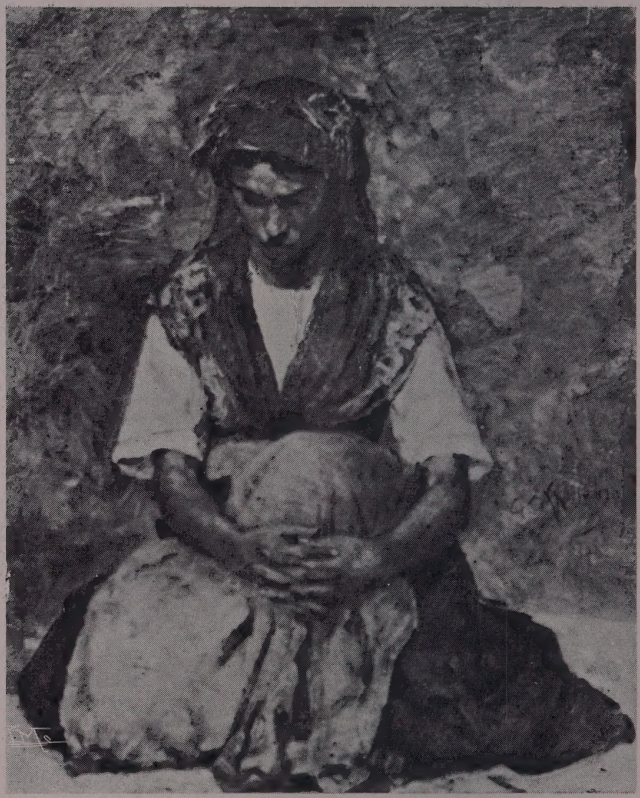
O Lanterneiro

Retrato do escultor Alberto Nunes

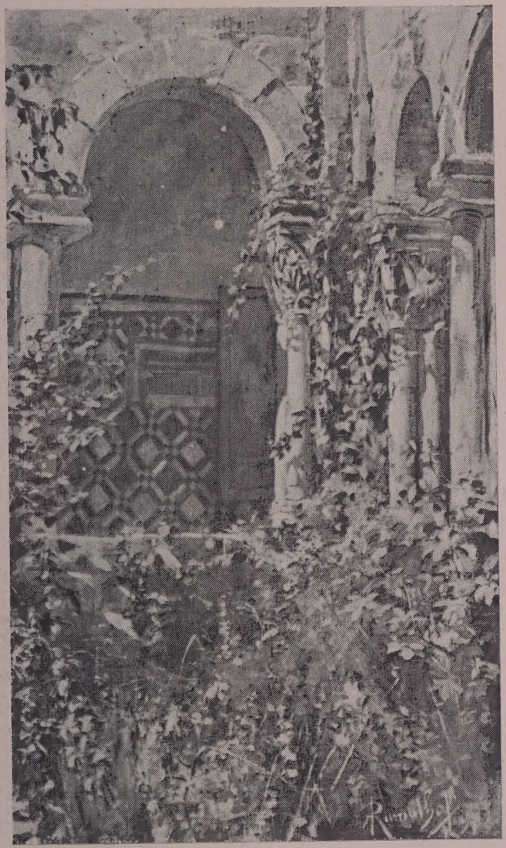
Os asilados

Estudo

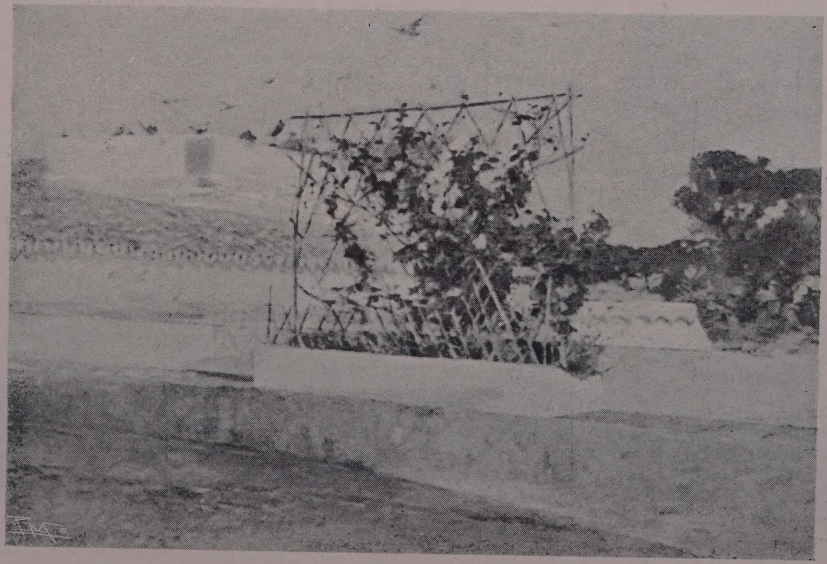
Jardim de Paris



Estudo



Claustro de Celas



Um pombal no Alemtejo

Pastor alemtejano

Paisagem (Prova do concurso do Porto)

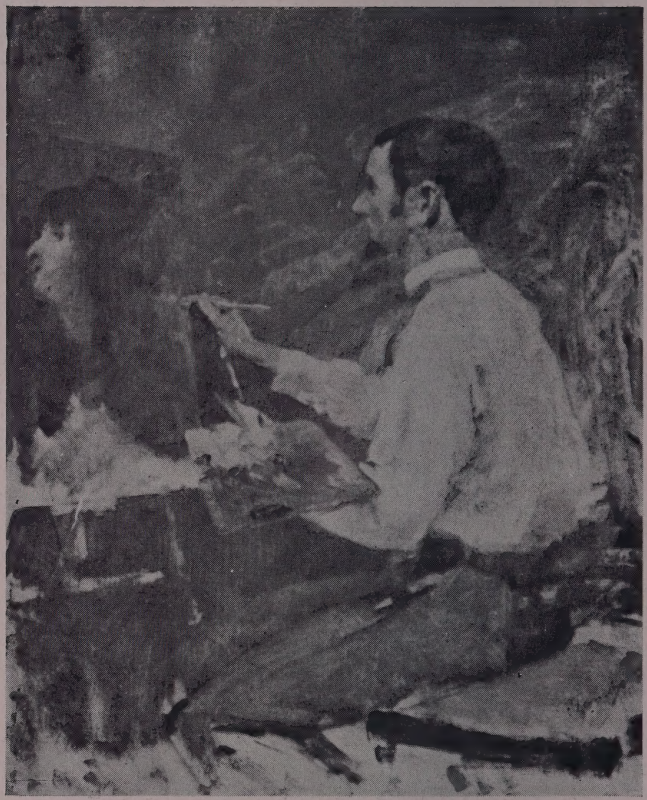
Estudo

Paisagem

Retrato do Ex.mo Sr. Duque de Palmela

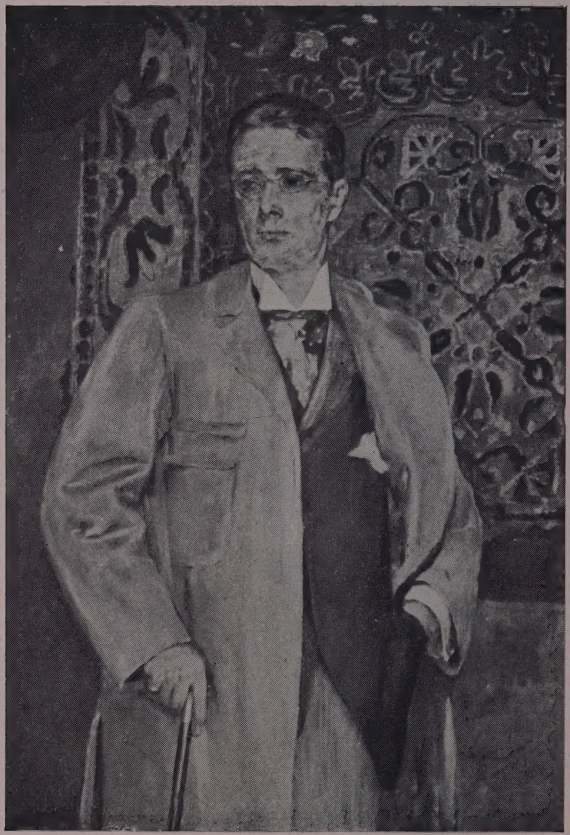
Mulher das flores

Vista do Sena



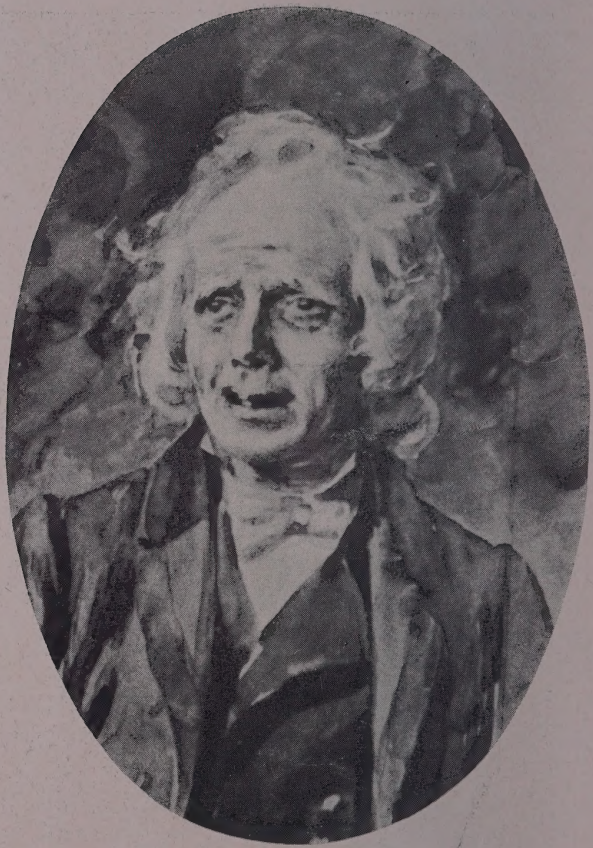
Estudo dum pintor em Paris

Estudo (Prova do concurso de Lisboa)

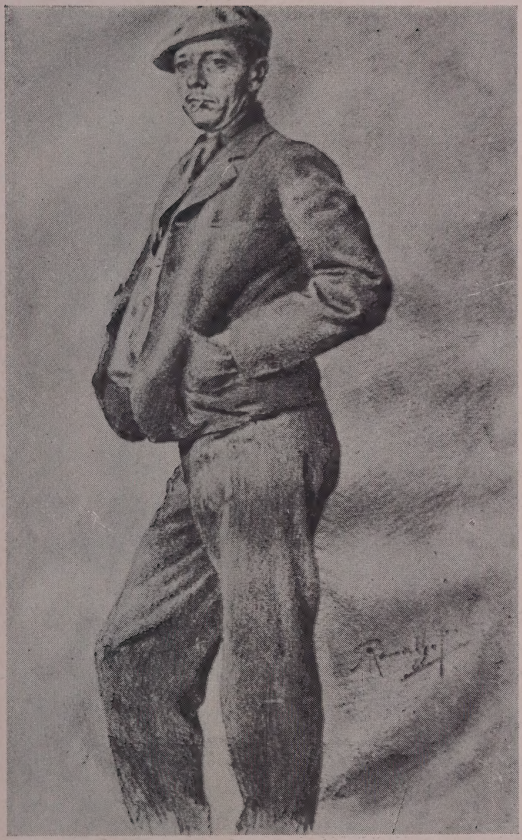


Retrato do actor Ferreira da Silva

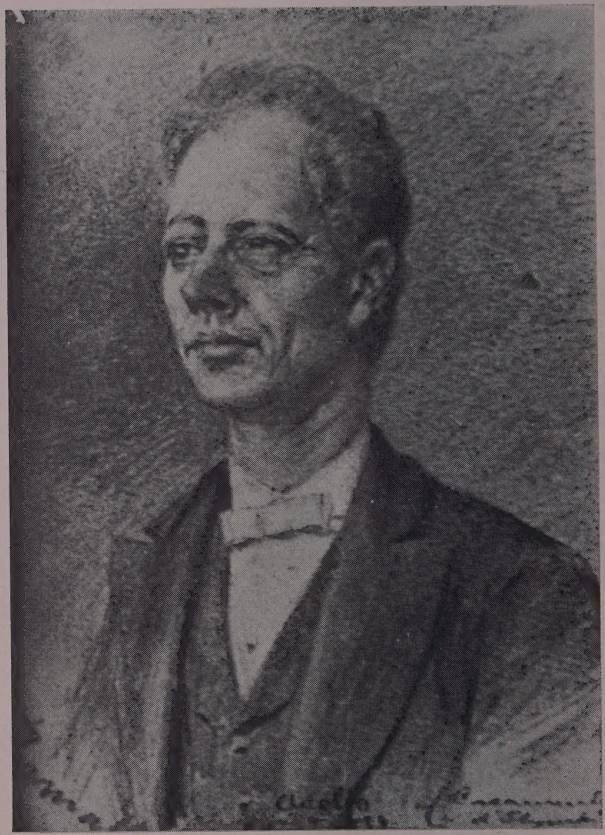
O actor Ferreira da Silva no «Alcacer-Kibir»



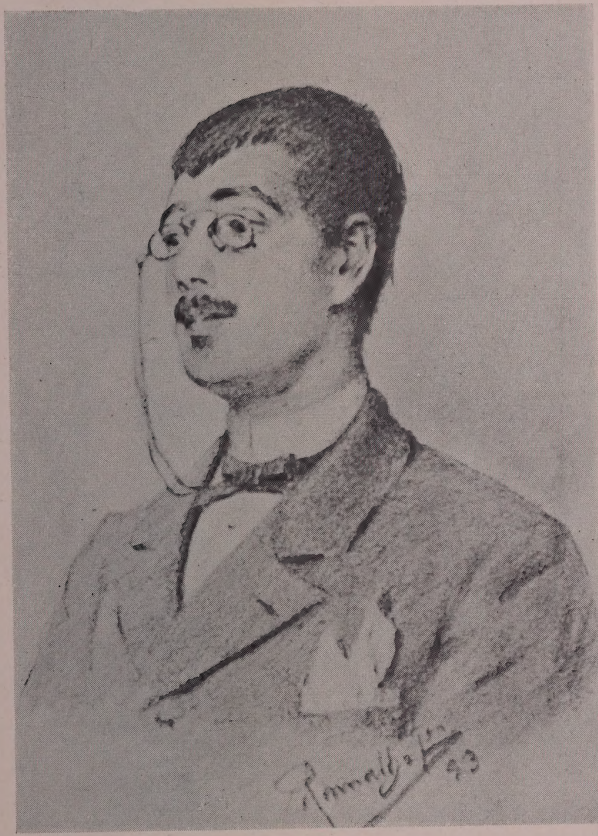
O actor Ferreira da Silva no «Pantano»



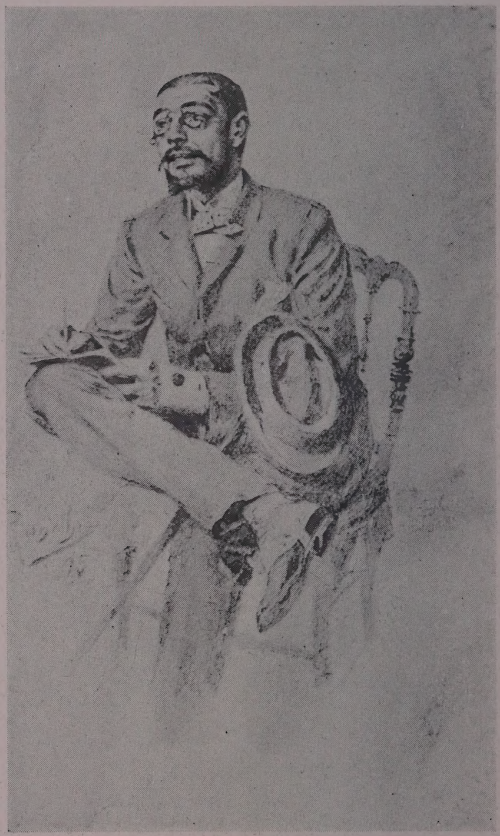
O actor Ferreira da Silva no «João José»



O actor Ferreira da Silva no «Casamento de Olimpia»



O actor Ferreira da Silva na «Guerra em tempo de paz»



O actor Ferreira da Silva no «Velho Tema»

Trecho de decoração na Escola Medica de Lisboa

Trecho de decoração — Cervejaria Jansen

Prestaram gentilmente o seu concurso para a organisação d'este trabalho, os Ex.mos Srs.:

Dr. Alfredo da Cunha
Barão de Linhó
Condes de Cuba
Duque de Palmella
Actor Ferreira da Silva
Gualdino Gomes
Dr. Julio Dantas
Marquez da Praia e Monforte
E o Museu Nacional de Arte Contemporanea.

Fotografias de *Arnaldo Garcez* e *Luiz d'Assumpção.*

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00010 1846